

# Contestados projectos de mini-hídricas no rio Paiva

Sara Dias Oliveira

**Biólogo Bordalo e Sá critica interrupção da continuidade deste rio de montanha, que alimenta regadios e aldeias**

● A construção de duas pequenas barragens para produção de energia eléctrica no rio Paiva e no seu afluente Paivó, em Arouca, está a causar uma forte resistência. A Câmara de Arouca e o Clube do Ambiente e Património de Urtigosa e do Arda (Urtiada) estão contra a construção das estruturas que abrangem as freguesias de Canelas, Alvarenga e Covelo de Paivó.

A autarquia tem protestado contra a alteração do curso de água que,

em seu entender, não trará qualquer benefício para as populações e prejudicará a paisagem natural e a prática de desportos radicais no Paiva. O Urtiada garante que as pequenas barragens levarão ao desaparecimento de 1500 metros do rio, além de inviabilizar o habitat das trutas e colocar em risco os regadios tradicionais das aldeias que vivem da agricultura de subsistência.

A questão já chegou ao parlamento. "Qual o interesse público destes investimentos?", pergunta o deputado do PSD André Almeida, natural de Arouca, num requerimento dirigido aos ministérios do Ambiente e da Economia. O social-democrata quer saber, no caso de as obras avançarem, como será garantido o volume de caudais, se estará acautelada a qualidade da água e se, entretanto, foi feita alguma análise do impacte ambiental dos

projectos. É que "a contestação a estes empreendimentos é praticamente consensual em todas as localidades onde foram sugeridos", avisa.

Bordalo e Sá, professor do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) do Porto, revela a sua visão. O especialista salienta que o Paiva é um rio de montanha e que, portanto, haverá impactos ambientais, e antevê o que pode acontecer depois da intervenção humana. A biomassa da floresta vai parar ao fundo do rio e é onde ficará devido à paragem da água. Como o processo de degrada-



Segundo Bordalo e Sá as 311 mini-hídricas do país satisfazem apenas 0,5% do consumo eléctrico

ção natural é muito lento, produz-se metano, ou seja, "um poderoso gás de efeito de estufa". "Outro aspecto que não deve ser desvalorizado é a interrupção da continuidade do rio" que, entre outras coisas, mexe com a fauna de peixes. "Outro custo ambiental é a perda de água para os regadios tradicionais", aponta. Há ainda a componente cénica que tem atraído turistas nacionais e estrangeiros. Colocando na balança o valor económico e financeiro das duas estruturas e as consequências ambientais, há um prato que desce. "Chega-se à conclusão que mais vale não construir." O docente sublinha que não está contra essas construções, desde que haja critérios. "Só vejo com bons olhos a construção de uma barragem naquela zona, se for para abastecimento de água às populações", assume.

## Debate esta noite

Bordalo e Sá conhece casos na Europa e nos EUA de demolição de pequenas barragens, "porque chegaram à conclusão de que os benefícios ambientais de um rio renaturalizado são incomensuravelmente superiores aos aspectos económicos". E lembra, a propósito, que o Paiva está na zona de protecção da Rede Natura, "o que pode ser um travão", nota. O debate em Arouca prossegue esta noite com uma palestra no auditório dos bombeiros, no qual participam João Oliveira, da Direcção-Geral dos Recursos Florestais, e Maria Teresa Jesus, da Universidade Fernando Pessoa.